

O XADREZ COMO ATIVIDADE COMPLEMENTAR NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DO JOGO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO ¹

Jacqueline Gisele Rosas FADEL ²
Wilson Aparecido da MATA ³

"Vejo que viajas constantemente. Quando estiveres só quando te sentires um estrangeiro no mundo, joga xadrez. Este jogo erguerá teu espírito e será teu conselheiro na guerra."
(Aristóteles, em uma carta para seu discípulo Alexandre Magno).

Resumo

Este estudo traz algumas considerações sobre o papel do jogo de Xadrez no desenvolvimento da capacidade de percepção do aluno em relação ao binômio espaço-tempo. A intenção foi estudar e entender se, e como, o aluno ao exercitar seu raciocínio abstrato e espacial e ao elaborar estratégias por meio da organização do pensamento, pode ter uma considerável melhora em seu desenvolvimento mental e prático. Os estudos teóricos sobre o Xadrez Escolar e atividades motivadoras para sua prática, serviram como eixo norteador para a Proposta de Implementação do ensino do Xadrez na Escola Estadual Mustafá Salomão - Ensino Fundamental, da cidade de Matinhos, Estado do Paraná, envolvendo alunos da 5ª série. O estudo permitiu concluir que é possível ensinar e praticar Xadrez de forma prazerosa e que, ao jogar, o aluno assimila os saberes, ou seja, melhora suas funções intelectuais, pois agem ativamente, questionam, refletem, descobrem novos saberes. Essa assimilação de novos conhecimentos torna os alunos capazes de realizar suas competências, o que leva a uma melhora significativa em seu desempenho escolar, o que serve como forma de incentivo à sua permanência na escola, principalmente aqueles em risco de insucesso escolar.

Palavras-chave: Jogo de Xadrez; Xadrez escolar; atividades motivadoras.

Abstract

This study it brings some considerations on the paper of the game of Chess in the development of the capacity of perception of the pupil in relation to the binomial space-time. The intention was to study and to understand if, and as, the pupil when exercising its abstract and space reasoning and when elaborating strategies by

¹ Trabalho apresentado à Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná/Superintendência de Educação/Diretoria de Políticas e Programas Educacionais/Programa de Desenvolvimento Educacional

² Professor PDE. Professor de Educação Física da Escola Estadual Mustafá Salomão - Ensino Fundamental, de Matinhos/PR, e-mail: jfadel@seed.pr.gov.br.

³ Orientador do Trabalho. Professor da Universidade Federal do Litoral, Matinhos/PR, e-mail: vdamata@hotmail.com

means of the organization of the thought, can have a considerable improvement in its mental and practical development. The theoretical studies on the Pertaining to school Chess and motivating activities for practical its, had served as guiding axle for the Proposal of Implementation of the education of the Chess in the State School Mustafá Salomão - Basic Education, of the city of Matinhos, State of the Paraná, involving pupils of 5^a series. The study it allowed to conclude that it is possible to teach and to practise Chess of pleasant form and that, when playing, the pupil assimilates to know them, that is, improves its intellectual functions, therefore they act actively, they question, they reflect, they discover new to know. This assimilation of new knowledge becomes the pupils capable to carry through its abilities, what it mainly takes to a significant improvement in its pertaining to school performance, what serves as form of incentive to its permanence in the school, those at risk of pertaining to school failure.

Word-key: Game of Chess; Pertaining to school chess; motivators activities.

Introdução

A falta de concentração ou mesmo de estímulo ao raciocínio lógico e ao uso do pensamento entre os escolares tem sido um motivo preocupante e crescente entre os profissionais da educação, por considerarem que tais fatores podem dificultar o processo de aprendizagem. Diante disso, fica evidente a necessidade de se buscar estratégias pedagógicas que contribuam para o aprimoramento de competências e habilidades com vistas à melhoria do desempenho escolar dos alunos. Ou seja, o aluno tem que ter a capacidade de “aprender” a desenvolver determinadas atividades, bem como a habilidade de “saber fazer”, de dominar os conhecimentos apreendidos.

Estudiosos do Xadrez como Sá (2007) e Rezende (2002; 2007) consideram que a inclusão de atividades enxadrísticas no contexto escolar é uma das possibilidades do aluno desenvolver competências e habilidades, que alargam sua capacidade de percepção em relação ao binômio espaço-tempo, bem como o exercício da paciência, da tolerância, da perseverança e do autocontrole.

Do mesmo modo, por meio do jogo de Xadrez pedagógico, pode-se trabalhar, nos alunos, valores éticos e morais, quando praticam padrões sociais desejáveis de conduta do “saber ganhar e perder”, do respeito às regras e da sujeição às restrições que elas impõem e aceitem pontos de vista diferentes, fatores estes essenciais para a formação humana do aluno.

E, se for considerado que os alunos apresentam entre si diferenças sócio-culturais e que a escola pode se tornar um dos veículos de compreensão e conscientização dessas desigualdades, se o professor vivenciar uma prática pedagógica que garanta uma situação de aprendizagem voltada para as diversidades existentes no contexto escolar, tendo como pano de fundo a idéia da igualdade de oportunidades a todos os alunos.

Pensar a inclusão do Xadrez como atividade complementar escolar é uma saída possível para abrandar tais diferenças, desde que a atividade não esteja voltada apenas aos alunos que se destacam em determinadas disciplinas, mas que permita que o aprendizado e a prática do jogo sejam extensivos a todos, principalmente àqueles que apresentam dificuldade ou defasagem de aprendizagem, atraindo-o para a escola e os incentivando a nela permanecerem.

Em vista disso e tendo como eixo norteador os estudos teóricos sobre as possibilidades e benefícios que o Xadrez pode trazer aos alunos, foi desenvolvido um projeto de inclusão desse jogo como atividade complementar na Escola Estadual Mustafá Salomão - Ensino Fundamental, da cidade de Matinhos, Estado do Paraná, onde profissionais da educação e alunos compartilharam idéias, ações e reflexões, ou seja, construíram coletivamente o conhecimento e a prática do jogo de Xadrez no contexto escolar.

A Utilização das Abordagens da Educação Física Escolar no Cotidiano Pedagógico do Professor

A escola, como instituição social, sempre esteve associada aos propósitos socialmente aceitos e com intenção política de intervir na realidade escolar do aluno. Fazendo parte desse contexto e não podendo ser diferente, a Educação Física brasileira, ao longo de sua história, sempre sofreu as influências desse meio, por meio dos agentes educacionais, que determinam as práticas e instituem os comportamentos.

Permeando os momentos histórico-sociais pelos quais passou o país, diferentes propostas pedagógicas foram formuladas tentando encontrar uma prática que atendesse todas as necessidades da Educação Física em sua intervenção no contexto sócio-escolar. E, desde sua inclusão no currículo escolar até os dias de hoje, as especificidades pedagógicas da Educação Física vêm sendo discutidas

tanto em relação à sua metodologia e conteúdos, quanto à sua importância e relação com outras disciplinas no projeto pedagógico, principalmente, sobre “o que” e “como ensinar”.

Assim, para entender a posição atual da Educação Física brasileira, é importante destacar as abordagens e ideologias educacionais associadas ao conhecimento selecionado pelas mesmas para compor os currículos escolares. Mas, por sua extensão, convém apresentar apenas uma breve caracterização histórica, ao longo das últimas décadas, considerando-se o que ainda é oficial e dominante.

Em 1851, a Educação Física foi incluída como disciplina na escola. Em 1854, a ginástica passou a ser disciplina obrigatória no ensino primário e, a dança, no ensino secundário. Mas, foi a partir de 1920 que a Educação Física passou a ser incluída, pelos Estados, nas suas reformas educacionais, sempre usando a referência “ginástica” para essa prática (BETTI, 1991).

A partir de 1930, a Educação Física passou a ser marcada pelos modelos higienista e militarista, ambos com práticas pedagógicas formalizadas por meio da seleção dos indivíduos perfeitos e exclusão dos considerados incapacitados. Influenciada pelos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar, a Educação Física contava com a assistência de médicos higienistas para o desenvolvimento dos conteúdos escolares, que tinham como função o desenvolvimento da aptidão física dos alunos, de maneira exclusivamente prática, sem nenhuma fundamentação teórica que lhe desse suporte. (DARIDO, 2001; COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Entre os anos de 1969 a 1974, a Educação Física estruturou-se predominantemente sob o modelo esportivista, retomando as práticas pedagógicas de segregação e exclusão (BETTI, 1991, CASTELLANI FILHO, 1993). Ou seja, o discurso esportivista ao se voltar para o “o esporte é saúde” desviava a atenção dos jovens para as práticas esportivas o que, ao mesmo tempo, tirava sua atenção dos desmandos políticos da ditadura militar. Vale lembrar que ainda permanece tal discurso, principalmente na mídia conservadora.

Na década de 1980 o modelo esportivista começou a ser muito criticado, fazendo surgir os primeiros movimentos de ruptura com este modelo que valorizava excessivamente o desempenho do aluno como o único objetivo da Educação Física. Ao mesmo tempo, a Educação Física começa a passar por um processo de autocrítica e por um período de valorização dos conhecimentos produzidos pela ciência. (DARIDO, 2003), o que refletiu no surgimento de propostas pedagógicas

alternativas, denominadas por Muniz (1996) como o “Pensamento Pedagógico Renovador da Educação Física”.

Esse novo momento da Educação Física, em oposição aos modelos pedagógicos predominantes (esportivista, biologista e tecnicista) que privilegiavam apenas o desenvolvimento da aptidão física e o ensino de técnicas esportivas institucionalizadas, provoca uma eclosão de estudos sobre a prática pedagógica, que deram origem às abordagens de ensino da Educação Física. As novas propostas passaram a assumir uma Educação Física voltada para uma prática pedagógica com preceitos mais humanistas.

Atualmente, de acordo com Darido (2003), coexistem várias concepções, sendo que as abordagens desenvolvimentista, a construtivista-interacionista, a sistêmica e a crítico-superadora.

Na abordagem desenvolvimentista tem-se como objetivo principal trabalhar o desenvolvimento das habilidades básicas (TANI et al, 1988). Ou seja, defende-se a idéia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, não sendo sua função o desenvolvimento de capacidades que auxiliam no pensamento lógico-matemático, embora isto possa ocorrer como uma conseqüência da prática motora. (DARIDO, 2003). Nota-se nesta abordagem uma preocupação em proporcionar condições adequadas para que o aluno desenvolva suas capacidades e habilidades motoras de acordo com o seu nível de crescimento, desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo-social, dessa forma, estaria se assegurando a especificidade da Educação Física.

A abordagem construtivista-interacionista estruturou-se no discurso de Freire (1989), em que o autor assume a preocupação com o excesso de racionalismo da Educação e da Educação Física e aponta a necessidade e a importância da Educação Física considerar e resgatar a cultura infantil, valorizando e explorando os conhecimentos que o aluno já possui. Os jogos e as brincadeiras populares têm posição de destaque exercendo, simultaneamente, papel de conteúdo e estratégia considerando-se que, enquanto joga e brinca, a criança incorpora novos valores e atitudes aprendendo inúmeras coisas ao mesmo tempo.

Na abordagem crítico-superadora, a Educação Física passa a ser entendida como uma disciplina que trata pedagogicamente do conhecimento “cultura corporal do movimento”, que visa a aprendizagem da expressão corporal como linguagem sob a forma de jogos, esportes, ginástica, dança e capoeira dentre outras atividades.

Nesse caso, a escola correlaciona, dialeticamente, a intencionalidade do homem e os objetivos da sociedade. Para Soares (et al 1992) a abordagem crítico-superadora pode ser tida como uma reflexão pedagógica e desempenha um papel político-pedagógico, pois encaminha propostas de intervenção e possibilita reflexões sobre a realidade dos homens.

A abordagem sistêmica, para Betti (1991), é um instrumento conceitual e um modo de pensar a questão do currículo da Educação Física, entendida como um sistema hierárquico aberto, pois sofre influências da sociedade e, ao mesmo tempo, a influencia. Alicerçando-se nos princípios da não-exclusão e da diversidade de atividades, tem como preocupação garantir a especificidade da Educação Física, ainda ligada a corpo/movimento. Para garantir o alcance da especificidade da Educação Física, propõe a valorização de uma maior diversidade de vivências esportivas, atividades rítmicas e de expressão.

No bojo desses movimentos, também surgiram críticas específicas à relação que o esporte vem travando com a Educação Física no ambiente escolar, tanto que Bracht (1992) afirma que a disciplina continua subordinada aos interesses de instituição esportiva e, por conseguinte, não se tem o esporte da escola e sim o esporte na escola e que a Educação Física é vista como a fornecedora da base para o esporte de rendimento, por meio da detecção de talentos.

Visto dessa maneira, a Educação Física não está sendo desenvolvida de forma significativa, pois a abordagem dos conteúdos estão se resumindo à prática desportiva, principalmente aos esportes coletivos como voleibol, basquetebol, handebol e futebol, o que pode gerar uma caracterização das aulas apenas como treinamento desportivo. Com a supervalorização do desporto enquanto conteúdo escolar, as outras práticas passam a ser preteridas e, em muitos casos, deixam de fazer parte do currículo da Educação Física.

Ademais, quando o professor de Educação Física apresenta-se apenas como um treinador desportivo, passa a ser um coadjuvante do processo educacional, pois que não trabalha conteúdos que possam contribuir, em um contexto educacional mais amplo, na formação dos alunos. Isto não significa dizer que o esporte não deva ser trabalhado na escola, mas, o que se discute, é a prática de três ou quatro modalidades esportivas durante o ano letivo, parecendo ser as únicas formas de jogo no ambiente da Educação Física.

Vale lembrar que é de fundamental importância oportunizar o aluno conteúdos que vão além da inteligência prática e que proporcione uma aprendizagem por meio da abstração reflexiva, que os desafiem a solucionar problemas ou enfrentar situações que necessitem de formas de pensar diferentes daquelas usadas até então. Um dos procedimentos de ensino que pode ser utilizado pelos professores, durante o trabalho com jogos nas aulas de Educação Física são os jogos de estratégias.

Nos últimos anos a proposta de inserção do jogo de Xadrez nos currículos escolares já vem sendo apresentada em debates institucionais e sua utilização em salas de aula, já encontra considerável aceitação. No entanto, é bom considerar que o fato do Xadrez fazer parte do planejamento das aulas de Educação Física, ou apenas de propostas recreativas, não é o bastante para fazer a diferença.

Ressalte-se que, quando o professor se dispõe a trabalhar o Xadrez no contexto escolar, ao mesmo tempo deve priorizar as questões mais próximas da prática pedagógica do cotidiano escolar, como por exemplo, inter-relacionando os conteúdos de Educação Física com outras do currículo escolar, com os objetivos gerais da Educação.

Não se trata de uma valorização excessiva do jogo de Xadrez, mas sendo a Educação Física um conteúdo pedagógico que compõe o currículo educacional e que participa da formação do aluno, é preciso transpor o discurso e efetivar, de forma concreta, essa práxis pedagógica.

Histórico do Xadrez e sua Inserção na Educação Informal

O Xadrez é um jogo muito antigo, cheio de lendas e mitos. Sua invenção já foi atribuída a chineses, egípcios, persas e árabes, porém, não há confirmação a partir dos diversos fatos históricos até o presente momento.

Várias possibilidades de sua origem já foram destacadas por historiadores, em diversas épocas, desde a apreciação de uma antiga pintura egípcia que mostra duas pessoas participando de um jogo parecido com o Xadrez, cerca de 3.000 anos a.C, lendas, como a de Sissa e Caíssa, chegando à Chaturanga, praticado por volta de 600 a.C, ao norte da Índia.

A maioria dos textos sobre a história do Xadrez registra a Chaturanga era passatempo dos governantes e se baseava na estrutura dos exércitos da Índia, utilizando um tabuleiro e tipos diferentes de peças, sendo a possibilidade mais próxima de ter originado o Xadrez e se transformou no atual jogo de estratégias.

Mais tarde teria sido introduzido nos países ocidentais por intermédio das invasões árabes e na busca por novas rotas comerciais. Passando por diversos países da Europa, o Xadrez foi jogado por grandes reis e, aos poucos, veio sofrendo alterações, ganhou novas regras e se tornou mais ágil, nascendo assim o Xadrez moderno (COSTA, 2005).

No Brasil, as primeiras partidas de Xadrez foram jogadas durante a estada de Pedro Álvares Cabral e sua frota, por ocasião do descobrimento, no ano de 1500. Pero Vaz de Caminha, em seus escritos, por diversas vezes, faz referência às peças e ao tabuleiro de Xadrez (DA HORA; BARATA; REZENDE, 2006).

Gambôa (2007) discorda que o Xadrez tenha sido introduzido no Brasil à época de seu descobrimento, mas, em 1808, quando D. João VI ofereceu à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, um exemplar do primeiro trabalho impresso sobre o jogo, tendo tomado impulso somente a partir do século XX. Desde então, vem sendo praticado de todas as formas possíveis, quer seja como lazer, esporte e passatempo, ou como elemento pedagógico na área escolar, sempre promovendo a inteligência, a competitividade e a criatividade dos homens (PIMENTA, 2006).

A primeira iniciativa em favor do ensino e da prática do Xadrez nas escolas, de acordo com Sá (1993), data de 1935 e, a partir de então, as experiências enxadrísticas se multiplicaram e se diversificaram, no entanto, sempre predominando como atividade periescolar. Mesmo não estando integrado ao currículo, o jogo de Xadrez passou a ser prática costumeira entre os escolares, a princípio como forma de entretenimento lúdico e, aos poucos, como instrumento pedagógico, o que serviu para uma aproximação maior do jogo com a educação.

Cada vez mais presente no âmbito escolar, também aumenta o número de países que começam a adotar o ensino do Xadrez como instrumento pedagógico e, cada vez mais, pesquisadores e profissionais das áreas sociológica, psicológica, pedagógica e psicopedagógica, por meio de pesquisas experimentais¹, buscam

¹ Em diversas partes do mundo, foram realizadas investigações sobre os resultados da utilização do Xadrez como ferramenta pedagógica, por exemplo: Na Bélgica (1976), os psicólogos da Universidade de Gand, os Dr. Christiaen e Verhofstadt, depois de dois anos de experiências com dois grupos de 20

descobrir os benefícios educacionais decorrentes de sua prática. Nesses estudos salientavam-se os resultados da prática enxadrística, com relação à melhoria da concentração, do raciocínio, criatividade, dentre outras habilidades.

Foi assim que, em 1986, no intuito de divulgar o ensino e democratizar o Xadrez enquanto instrumento pedagógico, a Fédération Internationale des Échecs (FIDE) e a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) criaram o Committee on Chess in Schools (CCS). A partir de então, países como a Rússia, a França, a Inglaterra, a Romênia, dentre outros, implantaram o Xadrez Escolar para ajudar a melhorar o desempenho dos alunos dentro e fora da sala de aula. Por exemplo, na Romênia, o Xadrez é uma disciplina escolar obrigatória e as avaliações em Matemática dependem em 33% do desempenho dos alunos nas aulas de Xadrez. (OLIVEIRA, 2007).

No Brasil existem registros de experiências no campo do Xadrez Escolar que variam de acordo com os objetivos institucionais propostos por órgãos ligados às Secretarias de Educação e Esporte (municipais e estaduais), com programas ora atingindo várias escolas, ora projetos-piloto em unidades escolares, como também experiências isoladas de profissionais da educação, estes, quase sempre vinculando o Xadrez com as disciplinas curriculares.

Educação Física e Educação em Geral: Possíveis Contribuições do Xadrez

Estudiosos do Xadrez como Sá (2007), Silva (2002a) e Rezende (2002) sugerem que o ensino e a prática do Xadrez sejam incluídos como conteúdo escolar, e defendem que a prática enxadrística quando utilizada como instrumento pedagógico, pode trazer benefícios sócio-educativos, tanto por provocar o exercício da sociabilidade, como o trabalho da memória, a autoconfiança e a organização metódica e estratégica do estudo.

crianças entre 10 e 11 anos (alunos de 5ª série), observaram que o aproveitamento escolar do grupo experimental, foi 13,5% superior ao do grupo do ensino regular. Em New York (1981), Joyce Brown constatou considerável melhora no comportamento dos alunos, registrando 60% menos incidentes e suspensões nas aulas, além da melhora no aproveitamento escolar de até 50% na maioria dos estudantes envolvidos. Em Marina (Califórnia, 1985), George Stephenson, depois de 20 dias consecutivos desenvolvendo um trabalho com um grupo de estudantes, constatou os seguintes resultados entre os alunos que apresentaram maior aproveitamento escolar: rendimento acadêmico (55%); comportamento (62%); esforço (59%); concentração (56%) e auto-estima (55%). (REZENDE, 2007, p. 1).

Também Baptistone (2000) considera que o jogo de Xadrez, embora seja considerado uma atividade lúdica, apresenta-se profundamente intelectual. Em pesquisa de campo envolvendo alunos de escolas públicas e particulares da cidade de São Paulo, concluiu que o Xadrez pode ser um instrumento facilitador no desenvolvimento das estruturas mentais dos alunos na faixa etária entre 14 e 15 anos, o que reforça habilidades como a capacidade de cálculo, a concentração, a responsabilidade e a tomada de decisões.

Nesse contexto, vale ressaltar as colocações de Julião quando destaca similitudes do processo cognitivo da Matemática e do jogo de Xadrez, pois que ambos “têm necessidade de utilizar o cálculo, o raciocínio lógico e a habilidade em lidar com elementos abstratos e limitados, por exemplo, com as peças no Xadrez e com os números, nas práticas matemáticas” (JULIÃO, 2008, p. 5).

Além de contribuir para o ensino e aprendizagem da Matemática, a prática do Xadrez, conforme descreve Silva (2002a), pode levar a outras implicações educativas, por exemplo, quando o aluno é levado a analisar os lances antes de movimentar as peças, o que contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades do pensar com abrangência e profundidade. É, pois, importante que o jogo de Xadrez não seja utilizado apenas de forma lúdica, mas aliando a ludicidade aos exercícios de concentração, levando o aluno a pensar, o que pode favorecer a aprendizagem dos diversos conteúdos curriculares.

É por isso que Sunyé (2006) considera importante que a atividade enxadrística seja extensiva ao contexto escolar, pois, além de desenvolver habilidades e competências, também permite a melhoria da auto-estima dos alunos. Assim, quando se inclui o Xadrez no ambiente escolar e estende sua prática a todos os alunos, ou seja, a alunos situados em qualquer altura da grade escolar e se permite igual envolvimento nas atividades, mesmo àqueles que apresentem defasagem de aprendizagem em disciplinas curriculares, podem servir-se do jogo como um elemento motivador para a superação dessa dificuldade.

A inclusão do Xadrez em ambiente escolar, principalmente em classes de alunos com dificuldades de aprendizagem, também é defendida por Araújo (2007), quando afirma que tal prática, além de auxiliar no desenvolvimento do sentimento de autoconfiança, apresenta “uma situação na qual o aluno tem a oportunidade de descobrir uma atividade em que pode se destacar e, paralelamente, progredir em outras disciplinas acadêmicas” (ARAÚJO, 2007, p. 7).

No entanto, não é constante, entre os profissionais da educação, a utilização do jogo de Xadrez como instrumento auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, principalmente, por considerarem difícil de ensiná-lo, situação esta também constatada pelo pedagogo Eric Piassi, em pesquisa sobre a “Prática e o Ensino do Esporte nas Escolas de Bauru e Região” (PIASSI, 2005).

Na verdade, como salienta o mesmo pedagogo, o ensino e a prática enxadrística é uma alternativa possível, bastando que o professor desenvolva atividades motivadoras que levem o aluno a aprender a jogar Xadrez e que os profissionais envolvidos no projeto estejam suficientemente preparados para inserir esta atividade, em sala de aula, de forma adequada de modo a explorar todos os benefícios que o jogo pode oferecer ao aluno (PIASSI, 2005).

Acrescente-se que o professor, ao lançar mão do Xadrez na sua prática pedagógica de sala de aula, deve ter a clareza de que esta ferramenta, por si só, não vai garantir uma aprendizagem significativa dos conhecimentos formais sistematizados e co-relacionados à proposta e aos objetivos pedagógicos da escola, que se esperam atingir.

Obviamente, nenhuma atividade, na escola, deve ser trabalhada sem ter em vista um benefício educativo, o Xadrez só pode ser considerado um instrumento pedagógico quando o professor mostra intenção explícita de provocar uma aprendizagem significativa e estimular a construção de novos conhecimentos, nos diversos conteúdos escolares.

Vigotski (2001) destaca a importância de o professor desenvolver as capacidades do aluno como um todo, em campos variados e aponta a necessidade de se trabalhar com o aluno, além dos aspectos relacionados à capacidade de prestar atenção, também os aspectos relacionados ao desenvolvimento das diferentes faculdades de concentração sobre os diferentes conteúdos escolares. Assim, quando o professor procura estimular os processos internos de desenvolvimento do aluno, mediando a aprendizagem, pode ser capaz de alcançar objetivos e os propósitos esperados pela escola.

O êxito do processo ensino-aprendizagem depende, pois, em grande parte, da interação professor/aluno, neste relacionamento, a atividade do profissional é fundamental, pois deve ser, antes de tudo, um facilitador da aprendizagem e o criador de condições para que o aluno sinta-se motivado ao aprendizado.

Nesse sentido, o enfoque deste estudo concentra-se nas situações concretas do ensino e aprendizagem do jogo de Xadrez, por meio do agente formal, a escola, envolvendo naturalmente as proposições do professor e o fazer dos alunos. Assim, ao jogar Xadrez, passam a lidar com regras que lhes permitem a compreensão do conjunto de conhecimentos veiculados socialmente, permitindo-lhes novos elementos para apreender os conhecimentos futuros.

Considerações Finais

Os resultados práticos e as dificuldades em qualificar, com segurança, os resultados obtidos, principalmente no que se refere às transferências de habilidades para outras disciplinas, não foram suficientes para concluir sobre os efeitos reais que a prática do Xadrez, entre os alunos, pode exercer sobre seu desempenho escolar e na melhoria nas relações sócio-cognitivas.

No entanto, fez refletir que a Educação Física, enquanto aprendizagem social na sua prática pedagógica tem um longo caminho a percorrer junto com as demais disciplinas escolares, não podendo limitar-se ao ensino de movimentos e jogos técnicos.

A própria Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) recomenda, por meio das Diretrizes Curriculares de Educação Física (PARANÁ, 2008), que o professor aborde conteúdos mesmo que não estejam ali especificados e desde que sejam emergentes do ambiente escolar. Visto dessa maneira, permite que a modalidade de Xadrez seja trabalhada, no dia-a-dia das aulas, não apenas em Educação Física, mas também como ferramenta didática nas diversas disciplinas escolares, sempre atendendo as necessidades, as expectativas, as possibilidades e a intencionalidade da proposta pedagógica.

É essa intencionalidade que permite que o Xadrez seja uma importante ferramenta didático-pedagógica importante, quando o professor, trabalha o jogo visando desenvolver ou trabalhar habilidades nas quais os alunos encontram dificuldade, em especial, aqueles comprometidos com o desempenho escolar.

Na verdade, o Xadrez é um meio pedagógico a mais que o professor tem à sua disposição. Basta saber explorar todas as maneiras possíveis de utilizá-lo em suas aulas, buscando sempre extrair o conteúdo a partir do jogo.

Nesse sentido é importante que o professor de Educação Física alie-se aos demais profissionais da educação, buscando um novo redimensionamento da prática do jogo no contexto escolar e, se necessário, reestruturando os planos de trabalho, deixando-os mais eficientes e porque não, mais atrativos.

Uma das possibilidades que a Educação Física pode valer-se para estimular o Xadrez entre os escolares é o desenvolvimento de projetos integrados às demais disciplinas escolares, a exemplo do Projeto Xadrez na Escola, que além de contribuir para o aprimoramento de competências e habilidades de raciocínio lógico, também auxiliem no processo de aquisição do código lingüístico, de conceitos matemáticos, artísticos, geográficos, históricos, dentre outros, sempre instigando a reflexão e o diálogo entre professor e aluno.

Considerando tal perspectiva, vale destacar algumas idéias, estratégias e práticas pedagógicas, que podem ser utilizadas pelos professores participantes no Projeto, com vistas a manter os alunos motivados para o estudo e a prática do Xadrez.

Antes de iniciar o ensino teórico do jogo de Xadrez, com o objetivo de facilitar o reconhecimento das peças e seus movimentos, sugere-se que em Educação Física sejam trabalhadas atividades pré-enxadrísticas, exercícios preparatórios, jogos pré-enxadrísticos e, por fim, o jogo propriamente dito. Mais adiante, propõe-se uma Gincana de Xadrez e apresentação do Xadrez Humano.

Ao mesmo tempo, em Língua Portuguesa, pode-se propor pesquisas sobre as lendas do Xadrez, produção de textos, poesias, gibis e histórias em quadrinhos, resolução de palavras cruzadas e caça-palavras, para melhoria na competência lingüística e na capacidade de interpretação dos fatos.

Em Matemática, pode-se estudar o tabuleiro e a movimentação das peças, inter-relacionando com a Geometria, noção do tempo por meio do cálculo de lances, cálculo de áreas, solução de problemas, dentre outros conteúdos.

Os professores de História e Geografia podem trabalhar as regiões que, supostamente, deram origem ao Xadrez, conceituar o momento histórico em que o jogo foi criado e o porquê das situações de Guerra, utilizando o globo terrestre e

atividades com o mapa Mundi. Pode-se trabalhar a Região Sul, contando a história dos enxadristas representantes de cada Estado.

Em Artes pode-se fazer uso da pintura, da argila e de materiais recicláveis, para a confecção de materiais enxadrísticos, construção de figurinos e cenários e, em Língua Estrangeira, a produção de glossário ilustrado contendo palavras utilizadas no jogo.

Ademais, é preciso que o profissional de Educação Física busque a colaboração de outros profissionais da educação e embasamento teórico-prático em literatura especializada sobre Xadrez Escolar que reportem às atividades didático-pedagógicas possíveis de serem trabalhadas em sala de aula, de forma interdisciplinar. Sendo o professor um profissional competente e as metodologias de ensino significativas é possível, sim, propor experiências enriquecedoras e de sucesso no ambiente escolar com o jogo de Xadrez.

Nesse contexto, é válido registrar que qualquer proposta de inserção do Xadrez no contexto escolar, com o objetivo de corroborar os benefícios que a prática enxadrística pode trazer ao aluno, deve atender algumas situações operacionais, a fim de tornar o estudo mais rigoroso, por exemplo, que:

- a) a participação no projeto não se limite apenas aos alunos que gostam de Xadrez, mas que seja estendida a todos os alunos, em especial, àqueles com defasagem escolar, sendo a escolha definida pelo professor, isto para saber se foi, realmente, o Xadrez que produziu efeitos positivos no desempenho escolar, já que os interessados pelo jogo são, naturalmente, mais propensos a ter melhores notas;
- b) sejam propiciadas aos alunos não participantes do Projeto Xadrez, outras atividades, por exemplo, aulas de música, de pintura, de dança, de teatro, de capoeira, dentre outras, em horário paralelo, com o objetivo de averiguar se foi o Xadrez que produziu a melhora no desempenho escolar ou se as outras atividades podem proporcionar efeito semelhante;
- c) o projeto possa dispor de um número maior de profissionais da educação para trabalhar as outras atividades e, em horário paralelo às aulas de Xadrez;
- c) o conteúdo Xadrez seja trabalhado desde a 5ª série e a partir do 1º bimestre, com continuidade nas séries subseqüentes, para que o aluno

amadureça e deixe um pouco do lúdico do jogo e passe a encará-lo como uma atividade cotidiana, ou seja, como uma ferramenta auxiliar no processo de aprendizagem;

- d) que se derrubem algumas barreiras, por exemplo, a falta de ambiente apropriado, de material enxadrístico e de demanda para aulas/treinamento e, principalmente, a carência de profissionais habilitados para um ensino eficiente do jogo de Xadrez.

Outro aspecto a ser pontuado é que se forem considerados os aspectos positivos e as perspectivas apresentadas ao longo do texto, bem como as sugestões acima elencadas, somando-os às pesquisas já realizadas, podem servir de parâmetro e de contribuição inicial para aqueles que buscam novos caminhos e novas experiências com o Xadrez Escolar.

Por fim, é válido dizer que o jogo de Xadrez, embora não faça milagres, se não for visto como um simples jogo, mas como uma nova ferramenta pedagógica, pode contribuir para o aprimoramento e enriquecimento das competências e habilidades que levam à melhoria do desempenho escolar dos alunos, principalmente, daqueles com risco de insucesso escolar.

Referências

ARAÚJO, A. A. **O xadrez como atividade lúdica na escola**: uma possibilidade de utilização do jogo como instrumento pedagógico no processo ensino-aprendizagem. Disponível em: <
<http://www.fsba.edu.br/semanaacademica2006/TEXTOS/ANDRE%20DE%20ALMEIDA%20ARAUJO.pdf>. >. Acesso em: 24 ago. 2007.

BAPTISTONE, S. A. **O jogo na história**: um estudo sobre o uso do jogo de xadrez no processo ensino-aprendizagem, 2000, Dissertação (Mestrado), Universidade São Marcos, São Paulo.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil**: A história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, L. **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DA HORA, H.; BARATA, R.; REZENDE, S. **Aprendendo xadrez na escola**: plano de aula do professor para as primeiras 12 aulas. Rio de Janeiro: Federação de Xadrez do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.

GAMBÔA, R. **Escolas apontam que projeto xadrez na sala de aula começa a apresentar resultados**. Gravataí (RS): Clube do Xadrez. Disponível em: < <http://www.clubedexadrez.com.br> >. Acesso em: 10 jul. 2007.

JULIÃO, T. **Uma etnografia do xadrez**: símbolos e representações. Disponível em: < <http://www.esporteitba.kit.net/xadrez/etnogra.doc> >. Acesso em fev. 2008.

MUNIZ, N. L. **Influências do pensamento pedagógico renovador da educação física**: sonho ou realidade. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1996.

OLIVEIRA, C. A. S. **O xadrez como ferramenta pedagógica complementar no ensino da matemática**. Disponível em: < <http://www.matematica.ucb.br/sites/000/68/00000069.pdf> >. Acesso em 13 set. 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares de educação física para a educação básica**. Curitiba: SEED, 2008.

PIMENTA, C. J. C. **Xadrez**: esporte, história e sua influência na sociedade. Disponível em: < <http://www.cdof.com.br> >. Acesso em: set. 2007.

PIASSI, E. Xadrez: uma visão de ensino. **Jornal da Cidade de Bauru**, Bauru/SP, 16 dez. 2005.

REZENDE, S. **O que é o xadrez escolar?** Disponível em: < http://br.geocities.com/xadrezap/pagina/xadrez_na_escola.htm#sylvio >. Acesso em 28 ago. 2007.

REZENDE, S. **Xadrez na escola**: uma abordagem didática para principiantes. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

SÁ, A. V. M. et al. **Xadrez**: cartilha. Brasília: MED, 1993.

SÁ, A. V. M. **O xadrez e a educação: experiências de ensino enxadrístico em meios escolar, peri-escolar e extra-escolar**. Universidade de Brasília. Disponível em: < <http://www.cxs.hpg.ig.com.br/oxadrez> >. Acesso em: 17 jun. 2007.

SILVA, W. **Apostila do curso de xadrez básico**. Curitiba: Secretaria do Estado da Educação e Federação Paranaense de Xadrez, 2002a.

SILVA, W. **Atividades enxadrísticas motivadoras**. Curitiba: Secretaria do Estado da Educação e Federação Paranaense de Xadrez, 2002b.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SUNYÉ NETO, J. **Xadrez escolar**: um instrumento multidisciplinar numa escola de qualidade. Disponível em: < http://www.fexerj.com.br/texto_sunye.htm >. Acesso em: 29 ago. 2006.

TANI, G. et al. **Educação Física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU, 1988.

VYGOTSKII, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.